

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

VITOR MOZER

**WETSIDEE: A IDEIA COSMONÔMICA
E A FILOSOFIA REFORMACIONAL DE HERMAN DOOYEWEERD**

CAMPINAS

2022

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA
VITOR MOZER**

**WETSIDEE: A IDEIA COSMONÔMICA
E A FILOSOFIA REFORMACIONAL DE HERMAN DOOYEWEERD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Pesquisa Filosófica – Trabalho de Conclusão de Curso de Curso II do curso de Licenciatura em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Marco Antonio Chabbouh Junior como exigência para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

CAMPINAS

2022

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA
VITOR MOZER**

**WETSIDEE: A IDEIA COSMONÔMICA
E A FILOSOFIA REFORMACIONAL DE HERMAN DOOYEWEERD**

Trabalho de Conclusão de Curso
defendido e aprovado no dia 08 de
dezembro de 2022 pela comissão
examinadora

Prof. Dr. Marco Antonio Chabbouh Junior
Orientador e presidente da comissão
examinadora

**CAMPINAS
2022**

121.7
M939w

Mozer, Vitor

Wetsidee: a ideia cosmonômica e a filosofia reformacional de Herman Dooyeweerd / Vitor Mozer. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

44 f.: il.

Orientador: Marco Antonio Chabbouh Junior.

TCC (Licenciatura em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Fé e razão. 2. Filosofia. 3. Dooyeweerd, H. \$q (Herman), 1894-1977. I. Chabbouh Junior, Marco Antonio. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Faculdade de Filosofia. III. Título.

CDD - 18. ed. 121.7

DEDICATÓRIA

Ao Deus vivo,
aos meus pais, Drausio e Maria,
e à minha comunidade IBR Indaiatuba.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor, meu Deus e meu Pai, e à Jesus Cristo, meu Redentor, por ter me salvado e não ter me privado de reconhecer a grandeza e a beleza de Sua criação. Desta forma tens me ajudado em tudo. Este trabalho não seria possível sem Seu cuidado. *“Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória”*. (Sl 115:1)

Agradeço aos meus pais e à minha irmã por todo incentivo e força que me deram. Vocês sempre acreditaram em mim e me apoiaram. Eu amo vocês.

Agradeço à minha noiva Lais por tanto carinho, cuidado, incentivo e paciência. Nossas conversas temperaram minha intuição e me foi um presente muito especial poder compartilhar desta jornada com você. Obrigado, meu amor.

Agradeço a minha amada família de fé Igreja Batista Reformada de Indaiatuba pelas orações e pelo apoio. Eu amo profundamente vocês e em nossa comunhão no Senhor eu tenho sido renovado.

Agradeço aos meus amados amigos que partilharam tanto comigo, não apenas durante a graduação, mas na vida. Vocês me inspiram e são parte de quem eu sou. Muito obrigado Junior, Rogério, Karina, Filipe, Newton, Caique, Lucas, Vinicius e muitos outros que fizeram parte disso, mesmo que indiretamente.

Agradeço aos meus colegas de classe Hebert, Paulo, Ariane, Diego, Thiago, Aricardo, Franciele, Adann, Railane, Guilherme e Caio por tantos bons momentos compartilhados, tantas histórias e pelo companheirismo durante essa importante etapa de nossas vidas.

Agradeço aos professores Fernando Nascimento, Renato Kirchner, Stela Godoi e Thiago Oliveira pelas aulas, conversas e por aguçarem em mim o interesse pela Filosofia, e também ao professor Sérgio Fazzano pelo companheirismo e incentivo.

Agradeço ao meu orientador Marco Chabbouh Jr. pelo incentivo, pelos conselhos e pela boa disposição em me ajudar a fazer filosofia.

“Para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em amor, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus e Pai, e de Cristo, Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.”

Colossenses 2:2-3

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a vida e obra do filósofo reformacional holandês Herman Dooyeweerd e sua contribuição a respeito da pretensa autonomia da razão. Ao questionar o status axiomático na neutralidade do pensamento científico, Dooyeweerd demonstra que não apenas é impossível que a razão seja autônoma, como também que pressupostos de natureza religiosa fazem parte de sua estrutura interna. Para fazer isso, Dooyeweerd apresenta um edifício teórico-filosófico de método rigoroso, construído sobre uma visão de mundo profundamente cristã reformada herdada do movimento reformacional holandês. Por fim, espera-se que este trabalho seja útil no debate acerca da relação entre fé e razão, recomendando que estas não são excludentes uma à outra, antes deveriam caminhar sempre juntas.

Palavras-chave: Herman Dooyeweerd, Filosofia Reformacional, Ideia Cosmonômica, autonomia da razão, fé e ciência.

ABSTRACT

This paper intends to present the life and work of the Dutch reformational philosopher Herman Dooyeweerd and his contribution on the question of the pretended autonomy of reason. By questioning the axiomatic status that scientific thinking is neutral Dooyeweerd demonstrates not only that it is impossible to reason to be autonomous, but also that there are religious presuppositions in its internal structure. In order to do that Dooyeweerd presents his theoretical-philosophical edifice built upon a rigorous method and a Christian Reformed worldview inherited from the Dutch Reformational movement. Finally, it is hoped that this work could foment the debate on the relationship between faith and science, recommending that they are not exclusive to each other, rather they should always walk together.

Keywords: Herman Dooyeweerd, Reformational philosophy, Cosmonomic Idea, autonomy of reason, faith and science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Aspectos Modais	24
----------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. HERMAN DOOYEWEERD – O REFORMADOR DA RAZÃO	15
2. UMA NOVA CRÍTICA DO PENSAMENTO TEÓRICO	22
2.1. A pretensa autonomia do pensamento teórico	22
2.2. Os aspectos modais de significado da realidade	24
2.3. A crítica transcendental de Dooyeweerd	29
2.3.1. Primeiro problema transcendental – A coerência da diversidade de aspectos modais	30
2.3.2. Segundo problema transcendental – O ponto arquimediano de apoio para a síntese teórica	33
2.3.3. Terceiro problema transcendental – A autorreflexão crítica e o caráter concêntrico do eu	35
2.4. O caráter concêntrico do eu	37
2.5. <i>Wetsidee</i> – A Ideia Cosmonômica	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

A história do pensamento humano possui um fio de prata, que é a busca pela verdade, a busca pela compreensão da realidade. Desde os gregos antigos até hoje, muitos grandes sistemas filosóficos foram empreendidos discutindo as questões últimas da existência, trazendo novos axiomas e reivindicando para si o status de sistema verdadeiro. No entanto, há de se notar que esta busca não findou. Os questionamentos acerca do mundo e do próprio homem resistiram ao longo dos séculos e são perfeitamente expressos nos desafios enfrentados em nosso tempo.

Dentre os muitos marcos importantes na história do desenvolvimento do pensamento, um deles mudou profundamente a maneira como a humanidade busca o conhecimento. Este marco foi a obra do filósofo alemão Immanuel Kant. Em *A Crítica da Razão Pura*, Kant representa uma mudança de paradigma digna de ser comparada com a revolução copernicana. Se Nicolau Copérnico colocou o Sol no centro do universo em sua teoria do heliocentrismo, Kant colocou a razão humana no centro do busca pelo conhecimento. Desta forma, o filósofo alemão encontrou uma maneira de responder à racionalistas e empiristas negando ambas – tanto a razão especulativa quanto a experiência sensível – como caminhos solitários para a busca pelo conhecimento ao afirmar que este se dá na síntese transcendental das categorias da razão e dados da experiência sensível. Com seu idealismo transcendental, Kant fundava o criticismo e conferia ao ideal iluminista a envergadura teórica necessária para romper de uma vez por todas com as escolas dogmáticas, emancipando assim a razão do homem. Naquele ponto, o projeto da modernidade alcançou sucesso ao lograr liberdade ao homem e torná-lo senhor de si próprio ao reconhecer unicamente a razão – esta agora absolutizada – como único caminho para o conhecimento da verdade e guia para o progresso da humanidade. Nas palavras de Herman Dooyeweerd H.D.¹, “este dogma é o único que sobreviveu ao abandono das antigas certezas da filosofia, causado pelo profundo desenraizamento espiritual do pensamento ocidental”².

Ao final do século XIX nasce o responsável por mais um marco importante. Em 7 de outubro de 1894, na cidade de Amsterdã, nascia Herman Dooyeweerd. O jurista e filósofo holandês cresceu em uma família professamente cristã e sob forte

¹ Por vezes nos referiremos ao autor pela abreviação H.D.

² DOOYEWEERD, 2010, p. 43.

influência do neocalvinismo, movimento fundado por nomes como Abraham Kuyper e Herman Bavinck. Nascido como uma resposta à forte secularização sofrida pela igreja e cultura holandesa, o neocalvinismo de Kuyper apresentou a perspectiva da fé cristã como uma biocosmovisão, fazendo uma revisitação do pensamento de João Calvino (reformador genebrino) e afirmando a soberania de Deus sobre todas as esferas da vida humana, inclusive sobre a esfera intelectual. Nas palavras de Guilherme de Carvalho, o

[...] neocalvinismo foi um movimento de reforma cultural e religiosa, na Holanda, que procurou interpretar a visão reformada calvinista do mundo e da vida em um contexto moderno e de reestruturação nacional, frente às pressões ideológicas da revolução francesa e do imperialismo bonapartista.³

Este contexto cultural e intelectualmente frutífero exerceu grande influência sobre a vida e obra de Dooyeweerd, sendo este a “força intelectual dominante no nível da cosmovisão cristã”, tendo por outro lado a filosofia alemã, sobretudo o neokantianismo e a fenomenologia de Edmund Husserl, no “nível estritamente técnico filosófico”⁴. Foi entre essas duas grandes tradições que o reformador holandês erigiu seu edifício teórico-filosófico.

A partir do neokantianismo, valendo-se do método transcendental para explicar a experiência humana, Dooyeweerd percorreu o caminho crítico para buscar as condições transcendentais do pensamento teórico examinando suas próprias estruturas internas. Ao realizar este exame, ele entendeu que, para que uma crítica do pensamento seja radicalmente crítica, todas as dimensões estruturais do pensamento teórico devem ser colocadas sob os radares da crítica filosófica, até mesmo o dogma da autonomia da razão. Kant havia emancipado a razão humana tornando-a autônoma de maneira que este dogma se manteve longe de uma crítica verdadeiramente radical por muito tempo. Dooyeweerd se propôs a realizar essa crítica radical carregando consigo uma cosmovisão profundamente cristã, tendo em seu âmago o *Deum et animam scire* “o conhecimento de Deus e da alma” – a unidade do conhecimento de Deus e do autoconhecimento do homem – remontados de Agostinho e Calvino. Dooyeweerd posiciona no coração do homem o ponto

³ Ibid., p. 8.

⁴ WOLTERS, 1985, p. 3.

arquimediano para sua síntese transcendental e não mais na razão humana, como o queria Kant.

Este trabalho se propõe a apresentar a filosofia reformacional de Herman Dooyeweerd de maneira propedêutica e trazer à luz sua importância para o debate contemporâneo, onde o absolutismo da razão reina sem ameaças ainda hoje. Nas palavras de Guilherme de Carvalho:

Dooyeweerd recusa-se a admitir que a razão seja a fonte última da verdade, como o quiseram os modernos; mas recusa-se igualmente a negar a existência e o valor da verdade, como o querem os pós-modernos.⁵

Neste trabalho, apresentaremos as ideias de Dooyeweerd seguindo um roteiro um pouco diferente da maneira como ele próprio apresenta em suas obras, sendo bastante seletivos dado o contexto da elaboração deste e também por nosso objetivo de enfatizar as implicações da cosmonomia a partir de uma cosmovisão cristã. Ressaltamos também que este trabalho não dispõe do aprofundamento que merece, não devendo ser lido como uma apresentação abrangente do pensamento de Dooyeweerd. Muitos outros importantes temas de sua obra não estão presentes neste trabalho, mas certamente fariam deste um projeto melhor e mais completo.

O pensamento reformacional e a filosofia cristã ainda são praticamente desconhecidos no Brasil após quase meio século da morte de seu principal expoente, mas certamente é de grande valia e digno do interesse do leitor ainda que pela grandeza e brilhantismo de sua obra. Nesse espírito, nos propomos a adentrar as próximas páginas deste trabalho desejando que estas sejam encontradas com leveza e verdade.

1. HERMAN DOOYEWEERD – O REFORMADOR DA RAZÃO

Dediquemo-nos à uma apresentação sucinta da vida de Herman Dooyeweerd, que certamente faz aparecer o tom de como sua obra é adornada pela maneira como ele dedicou toda sua vida à amplificação do impacto que o neocalvinismo trouxe para a cultura e vida dos holandeses, assim como o aprofundamento deste no diálogo com as diversas ciências.

⁵ Ibid., p. 38.

Dooyeweerd foi filho de Hermen Dooijeweerd e de Maria C. Spaling. Seu pai era contador e sua mãe era filha de missionários, ambos cristãos devotos. Dooyeweerd era o único filho homem da família ao lado de mais cinco irmãs. “O Sr. Dooijeweerd era um adepto fervoroso das ideias de Abraham Kuyper e fez questão de transmitir essa herança a família”⁶.

Entre 1900 e 1912, Dooyeweerd estudou em escolas cristãs em Amsterdã e realizou seus estudos universitários cursando Direito na Universidade Livre de Amsterdã Vrije⁷ entre 1912 e 1917. Ele foi aluno de nomes importantes, como D.P.D. Fabius, Anne Anema e Pieter Diepenhorst, homens importantes para o movimento neocalvinista. Ainda na faculdade, Dooyeweerd se apaixonou e, inclusive, escreveu alguns poemas, demonstrando estilo romântico e amor pela natureza. Dooyeweerd tinha sensibilidade para as artes, demonstrando este traço sendo um ótimo pianista. Em 1914, aos vinte anos de idade, H.D. escreveu um ensaio sobre o neomisticismo de Frederik van Eeden, citando Sócrates, Platão, Plotino, Dilthey, Bergson, Schopenhauer, Nietzsche, Kant e William James. Era notória a amplitude de suas leituras em idade ainda tão jovem. Neste período, H.D. também escreveu sobre música, publicando um ensaio sobre o Wagnerianismo. No ano de 1917, H.D. se forma na Vrije com a dissertação *O Conselho dos Ministros na Lei Constitucional Holandesa*, recebendo resenhas favoráveis ao seu trabalho⁸. Após se formar, Dooyeweerd trabalhou como assistente da “receita” holandesa, ocupando um posto editorial na prefeitura de Leyden. Apenas 2 anos depois, H.D. é aprovado em um concurso e torna-se consultor do Ministério do Trabalho holandês.

Após o falecimento do Dr. Kuyper em 1920, Alexander Idenburg e Hendrik Colijn assumiram a direção do Partido Antirrevolucionário e decidiram criar aquilo que viria a se tornar o centro de pesquisas do partido e teria como finalidade aprofundar a fundamentação teórica e científica do partido, a Fundação Kuyper. H.D. é indicado como líder da fundação e assume o departamento de pesquisa. Departamento este que foi uma exigência do próprio Dooyeweerd para, então, aceitar o convite.

Em 8 de abril de 1922, acontece sua primeira fala pública, tipificando o início de sua produção intelectual. Na apresentação de uma palestra sobre ética e justiça

⁶ DOOYEWEERD, 2010, p. 7.

⁷ Por vezes nos referiremos à Universidade Livre de Amsterdã como Vrije

⁸ VERBURG, 2015, p. 17.

na Associação de Filosofia do Direito ele traz pela primeira vez elementos de uma reforma do pensamento. Apenas seis dias depois, ele escreve seu primeiro manuscrito, que nunca foi publicado, com sua ideia de “crítica imanente”. Nesta altura, a visão de H.D. sobre o pensamento teórico começa a se desenhar. Nas palavras de autor:

Uma crítica só é frutífera quando começa entrando na linha de pensamento do escritor considerado; quando com completa honestidade tira as conclusões necessárias de suas premissas epistemológicas; e quando, tendo apontado o que é insatisfatório nestas conclusões, clareia o que é insustentável no ponto de partida do autor. Apenas quando tudo isso é realizado é que se abriu um caminho para uma crítica transcendente baseada em seu próprio ponto de vista, uma crítica em que o crítico tem o direito – podendo provar que suas premissas levam a melhores conclusões – de reivindicar reconhecimento universal para seu ponto de partida científico.⁹

No ano de 1923, Dooyeweerd começa a produzir seus *White Papers*, em que o primeiro texto trata sobre a política antirrevolucionária e a católica¹⁰, onde ele discute epistemologia e sugere pela primeira vez que o ser das coisas é significado. Nestes artigos ele começa a apresentar seus insights e ideias principais, tais como a noção de norma heteronômica (ideia de lei) e a noção de que ser é significar. Neste período Dooyeweerd publica muitos textos sobre questões técnicas do Direito, além de também se tornar editor do jornal mensal *Nederland en Oranje* e participar da fundação da Associação de Juristas Calvinistas. Em 1924, H.D. participa da fundação da revista *Antirevolutionaire Staatkunde* (“Política Antirrevolucionária”), onde entre 1924 e 1927 ele publicou uma série de artigos sobre “O Problema da Política Cristã”, totalizando aproximadamente 300 páginas.

No dia 02 de setembro de 1924, Herman Dooyeweerd se casa com Jantiena Wilhelmina Fernhout. A cerimônia foi celebrada por seu cunhado Dirk H. Th. Vollenhoven. Após o casamento, Dooyeweerd e Jantiena fixaram residência em Haia, cidade em que ele considerou ter passado os 4 anos frutíferos de sua vida

Em 1925, H.D. fora reconhecido por sua extrema dedicação sendo condecorado como “Cavaleiro da Ordem de Orange Nassau” por seus serviços prestados. Neste mesmo ano, vem a falecer Willem Zevenbergen, um importante

⁹ Ibid., p. 23.

¹⁰ Ibid., p. 44.

professor da Vrije abrindo assim espaço para que Dooyeweerd fosse convidado para ocupar uma cadeira de Filosofia do Direito, Enciclopédia do Direito e Direito Holandês na Vrije. Apesar de não desejar sair de Haia, ele ficou honrado em aceitar o convite. Assim, no ano de 1926, foram H.D. e Dirk Vollenhoven nomeados professores. Em sua palestra inicial abrindo seu período lecionando na Vrije, Dooyeweerd apresenta sua palestra "O Significado de Ideia-de-lei para a Ciência e a Filosofia", trazendo em uma densa síntese uma forma mais amadurecida de seu pensamento. No fechamento desta fala, ele encerra com o seguinte trecho:

A Ti, então, Senhor meu Deus, volto minha oração nessa hora, para agradecer-Te pelo maravilhoso direcionamento em minha vida, para agradecer-Te por cada provação e cada castigo, para agradecer a Ti pois Tu tens agora me chamado para servi-Lo nessa universidade. Inspira meu trabalho nessa universidade, e faz com que tua força seja aperfeiçoada em minha fraqueza. Faz, ó Pai de todas as misericórdias, com que o amor por Ti e pela expansão do Teu reino continue a queimar em meu coração, e que meus passos nunca se desviem do caminho da verdade que Tu tens revelado a nós em teu filho amado.¹¹

Desde os 20 anos de idade, ainda estudante, Dooyeweerd dedicava tempo ao trabalho de uma iniciativa de reinclusão de ex-detentos, demonstrando um coração comprometido não apenas com a intelectualidade, mas que também se lançava à experiência de mudança para onde seu esforço intelectual apontava. Ele foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Associação Protestante de Reabilitação, presidindo a instituição 1928 até 1953

Servindo como professor, H.D. publicou um importante artigo na comemoração de 50 anos da Vrije em 1930, trabalhando os princípios jurídicos e de jurisprudência a partir da ideia-de-lei, infundindo uma importante inovação: sua ideia de tempo cósmico. A essa altura já era possível perceber a influência de mais um importante pensador alemão em seu pensamento além de Edmund Husserl: Martin Heidegger foi muito importante na construção de sua concepção de tempo. Pouco tempo depois, em 8 de maio de 1931, mais um nobre reconhecimento feito a ele com o Senado holandês o elegendo como Reitor da Vrije. Assim como o pólen que é levado pelo vento e faz multiplicar as flores por campos distantes, H.D. trabalhou não só para reformar a razão, mas também para que sua obra alcançasse

¹¹ Ibid., p. 107-8.

pensadores que levariam a filosofia da ideia-de-lei por tantas outras áreas do saber quanto fosse possível. Nas palavras de seu discurso ao assumir a posição de Reitor, o que encontramos não é uma visão que se avizinha a um academicismo frio, mas antes um forte desejo de ver prosperar a força que Dooyeweerd via em sua filosofia reformacional:

Se nossa universidade continuará a se desenvolver de forma harmoniosa enquanto estende seus campos de atividade, a primeira coisa necessária é uma viva consciência de que formamos uma *universitas scientiarum* no sentido pleno da palavra, descansando sobre fundamentos comuns, e esses fundamentos são explicados enquanto se aplicam às várias ramificações do conhecimento. A segunda coisa necessária é que o antigo amor de que nossa universidade seja avivada principalmente nos corações dos jovens estudantes aqui, e ainda que os alunos não busquem o caminho de menor resistência, buscando um diploma para garantir uma posição mais vantajosa na sociedade, mas que eles venham a ver a si mesmos como colegas de trabalho cuja oportunidade do ensino universitário traz uma pesada responsabilidade sobre eles. [...] O que nós precisamos é de pequenos grupos de estudiosos praticantes e comprometidos que, depois de terminarem seus estudos em nossa escola, estejam dispostos a seguir adiante no domínio acadêmico enquanto permanecendo fiéis a ideia de nossa universidade.¹²

É chegado, então, um momento central em sua obra. Herman Dooyeweerd publica sua *Magnum Opus*, aquela que viria a mudar a maneira como ele era reconhecido, deixando então de ser um autor que apresentava bons artigos e ideias e tornando-se um filósofo sistemático. Entre 1935-1936, H.D. publica pela H.J. Paris, com a ajuda da Kuyper Foundation – especialmente com o apoio de H. Colijn – sua grande obra: *De Wijsbegeerte der Wetsidee* (“A Filosofia da Ideia Cosmonômica”). Com mais de 2000 páginas e 3 volumes, a WdW mostrava todo o amadurecimento de seu trabalho, expondo sua crítica de altíssimo nível ao pensamento moderno corrente e uma construção rigorosa. A WdW fez com que seu pensamento começasse a ser estudado por outras pessoas e Dooyeweerd ganhou apoiadores, assim como críticos. Em 1935 foi lançado o periódico *Philosophia Reformata*, publicado pela Associação para a Filosofia Calvinista (associação da qual H.D. também participou da fundação), com artigos sobre história da filosofia, filosofia da física, filosofia da tecnologia, linguística, matemática, entre outros. No clímax de seu

¹² Ibid., p. 168-9.

trabalho, Dooyeweerd continuou produzindo e publicando de forma muito expressiva. Em 1936, H.D. apresentou a palestra que se tornaria o livro *Estado e Soberania* (publicado em português por Edições Vida Nova, 2014) como resposta a controvérsia levantada por um importante teólogo chamado Valentine Hepp (sucessor de Bavinck na universidade de Kampen) acerca do conceito de “substância”.

A esta altura, Dooyeweerd começou a receber ataques de outros pensadores, especialmente pelo professor de filosofia da própria Vrije, J. C. Franken. Franken “dedicou 7 páginas no jornal Themis para a trilogia de Dooyeweerd, mas não foi apreciando-a. Na verdade, ele fez seu melhor para tentar demoli-la”¹³. A dura crítica recebida foi de que, praticamente, ele apresentou seu sistema sem o fazer por meio de termos racionais. A manifestação de Franken realmente chateou Dooyeweerd, mas de uma forma positiva acabou sendo a fagulha para que ele desse mais um passo importante na construção de seu edifício teórico-filosófico. Motivado por essa provocação, H.D. começou a trabalhar na formulação de uma resposta filosófica para o problema levantado por Franken, desenvolvendo então sua crítica transcendental. Sua crítica transcendental investigaria as condições de possibilidade e concluiria que a raiz do pensamento teórico é de natureza religiosa. A primeira versão de sua crítica transcendental foi apresentada em um artigo para a revista Síntese chamado *A Crítica Transcendental do Pensamento Teórico*¹⁴. A partir deste ponto, algumas primeiras introduções ao seu pensamento começaram a ser publicadas, como as obras do Rev. J. M. Spier chamada *Grounded in the Word of God: Some Samples from the Calvinist Philosophy of the Law-Idea*, de 1937, e *Contornos da Filosofia Cristã* (publicado em português por Editora Cultura Cristã, 2015), de 1970¹⁵. Pouco a pouco, a filosofia da ideia se espalhou por Áustria, África do Sul, França, Alemanha e EUA.

Em 1941, em meio a Segunda Guerra Mundial, Dooyeweerd escreve um artigo trabalhando uma nova ideia: os motivos-base do pensamento ocidental. A tese dos motivos-base foi apresentada por ele de maneira mais aprofundada em um congresso da Associação para a Filosofia Calvinista em 5 de janeiro de 1942. Ainda neste ano, outro importante trabalho de H.D. foi publicado com suas 32 teses sobre

¹³ Ibid., p. 212.

¹⁴ Ibid., p. 274.

¹⁵ Ibid., p. 278-7.

a natureza do homem¹⁶, e um novo grande projeto foi iniciado, sua obra chamada "Reforma e Escolasticismo na Filosofia", planejado para compreender três grandes volumes. O primeiro volume foi lançado em 1949 e o segundo foi concluído apenas no final da guerra. O terceiro volume não foi concluído. Em 1945, dos artigos escritos para a revista "Nova Holanda" (em que ele mesmo era o editor) surgiu um livro: *Raízes da Cultura Ocidental* publicado em inglês em 1949 (publicado também em português por Editora Cultura Cristã, 2015).

No ano de 1948, Herman Dooyeweerd recebe seu mais alto reconhecimento e honraria acadêmica sendo eleito membro da Real Academia Holandesa de Ciências. Nos anos de 1950-1951, H.D. assume novamente a posição de Reitor da Vrije. Em 1953, saiu o primeiro volume de sua *Magnum Opus* parcialmente reescrita para o inglês sob o título *New Critique of Theoretical Thought* ("Uma Nova Crítica do Pensamento Teórico"), com seus outros volumes em 1955 e 1957. Concluindo a tríade das grandes obras de Herman Dooyeweerd ao lado de WdW e N.C., sua obra *Encyclopedia of the Science of Law*, formada a partir de notas de aulas que ele reuniu, ficou disponível apenas em 1967.

Em 1955, H.D. foi eleito presidente da Associação Holandesa de Filosofia do Direito e, alguns anos depois, em 1958, acontece o famoso *tour* de Dooyeweerd aos EUA, que durou 5 meses. Neste período, H.D. visitou muitos lugares falando sobre a filosofia cosmonômica, entre eles estão o Calvin College, Wheaton College, Westminster Pennsylvania University, McGill University (Montreal), Gordon College, Conwell Seminary, Harvard Realist Society, Boston Un Philosophic Club, Toronto University e Princeton Seminary¹⁷. Das palestras realizadas neste período, nasce o livro que é a principal obra deste trabalho: *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental* (publicado em português por Editora Hagnos, 2010).

Em 1959, a saúde de Dooyeweerd já dava sinais de enfraquecimento quando ele sofre um ataque do coração. Poucos anos depois, um novo momento difícil se forma com o falecimento de sua esposa no ano de 1963, sendo estes anos foram muito duros para ele. Próximo de seu aniversário de 70 anos, em 1964, foi publicado um *feestschrift* com um artigo na revista *Trouw* como um tributo pelo agnóstico G. E. Langemeijer, presidente da Real Academia Holandesa de Ciências. Nesta importante ocasião, Langemeijer faz uma declaração muito emblemática. Em

¹⁶ Ibid., p. 303.

¹⁷ Ibid., p. 400.

suas palavras, Herman Dooyeweerd “teria sido o mais original de todos os filósofos produzidos pela Holanda, incluindo Espinosa”¹⁸.

No ano de 1965, Herman Dooyeweerd finalmente se aposentou. Pouco após sua aposentaria, em 1971, foi publicado um *festschrift* em homenagem a Cornelius Van Til, intitulado *Jerusalem and Athens*, incluindo um debate entre H.D. e Van Til, onde ele afirmou que o método de Dooyeweerd não seria verdadeiramente reformacional. H.D ainda receberia críticas por outros grandes nomes de reformados americanos, como Gordon Clark, John Frame e Vern Poythress. Em 1973, houve um debate importante com Danie Strauss (África do Sul) sobre o método transcendental, mas sua crítica não foi recebida por Dooyeweerd. No ano de 1976, sua saúde começou a declinar de maneira intensa e então ele deixou sua posição de editor da revista da *Philosophia Reformata*. Herman Dooyeweerd passou suas últimas semanas de vida escrevendo, lendo e ouvindo música.

Herman Dooyeweerd falece em 12 de fevereiro de 1977, aos 83 anos, na fé.

¹⁸ Ibid., p. 449

2. UMA NOVA CRÍTICA DO PENSAMENTO TEÓRICO

Apresentaremos a partir de agora, de forma propedêutica, a crítica transcendental de Herman Dooyeweerd. Para isso, consideraremos temas importantes de seu pensamento, encadeando-os de forma a construir uma visão sobre o problema da pretensa autonomia da razão até chegarmos à resposta de Dooyeweerd: a razão humana sozinha não é suficiente para ser o ponto de partida do pensamento teórico, sendo dependente de uma raiz supra-teórica que excede os limites do próprio pensamento teórico.

§ 2.1 *A pretensa autonomia do pensamento teórico*

As várias escolas filosóficas imanentistas, mas não somente estas – também a vastidão de escolas de pensamento surgidas a partir da modernidade, foram construídas e articuladas de tal forma a ancorar seu ponto de partida na razão humana. Afirmando isto queremos dizer que estas escolas apresentam-se com um pressuposto primeiro localizado na razão humana e nela apenas. Nesse sentido, a razão é absoluta e suficiente para realizar o trabalho da atividade teórica. Fundamentalmente, essa ideia de autonomia da razão implica que se deve rejeitar qualquer tipo de crença ou pressuposto religioso, pois estes comprometeriam o juízo de verdade. Implica ainda que crenças e pressupostos de qualquer tipo, sobre tudo os religiosos, não tomam parte na estrutura “pura” da razão humana.

Nas palavras de Dooyeweerd, “toda filosofia que reivindicar um ponto de partida cristão será confrontada pelo tradicional dogma da autonomia do pensamento filosófico, referente a sua autonomia de quaisquer pressupostos religiosos”¹⁹. Dooyeweerd questiona a maneira como este dogma da autonomia da razão “tem sido elevado a uma condição intrínseca da verdadeira filosofia”²⁰, sendo assumido de maneira axiomática modernidade a fora. Na N.C. Dooyeweerd aponta a falta de uma unidade de sentido comum entre essas escolas, de tal forma a impedir que haja entre elas um ponto de contato real, e que antes encontramos uma

¹⁹ DOOYEWEERD, 2010, p. 47.

²⁰ Ibid., p. 48.

divergência total de pressupostos que ultrapassa os limites do pensamento teórico. Ele diz que,

[...] se todas as correntes filosóficas que reivindicam ter seu ponto de partida no pensamento teórico somente realmente não tivessem pressuposições mais profundas, seria possível convencer seu oponente de seu erro de uma forma puramente teórica. Mas, na verdade, um tomista nunca teve sucesso em convencer um kantiano com argumentos puramente teóricos ou um positivista sobre a sustentabilidade de uma metafísica teórica²¹.

Este problema desvela a importância de examinarmos o ponto de partida destas escolas e a natureza deste para entendermos porque isso acontece. Apenas assim seria possível entendê-las e explicá-las a partir de seu próprio fundamento, de forma a configurar uma base comum de diálogo. Para Dooyeweerd, “um debate entre tendências filosóficas que sejam fundamentalmente opostas entre si comumente resulta em um raciocínio de propósitos conflitantes, pois elas não são capazes de penetrar até os verdadeiros pontos de partida de seus pares”²². Desta forma, um dos objetivos de H.D. em sua obra é fazer do dogma da autonomia do pensamento teórico um problema crítico. Ainda que Kant tenha trazido a razão humana para assentar-se ao banco dos réus no tribunal da razão, sua investigação para demarcar os limites da mesma não teria sido suficientemente abrangente e radical para demonstrar que ela é, de fato, independente como ele a trata. Logo, Dooyeweerd entende que Kant não fez da autonomia da razão um problema crítico ao passo em que este assume dogmaticamente que a razão humana é neutra, que não sofre qualquer influência externa a si mesma nem tão pouco poderia ser condicionada por algo transcendente ao próprio pensamento teórico.

Para entendermos a crítica transcendental de Dooyeweerd e os fundamentos de sua filosofia reformacional, primeiro visitaremos brevemente a base cosmológica de seu edifício teórico-filosófico e sua visão sobre a estrutura da realidade. Então, veremos como ele descreve o funcionamento do próprio pensamento teórico, criticando sua estrutura interna e sua relação com o nível supra-teórico da experiência humana. Sigamos por este caminho com a mesma atitude recomendada por Dooyeweerd até chegarmos em sua filosofia da ideia-de-lei:

²¹ DOOYEWEERD, 1984, p. 36-37, tradução nossa.

²² DOOYEWEERD, 2010, p. 50.

Nós não exigiremos que os aderentes desse dogma o abandonem antecipadamente. O que pedimos apenas é que se abstenham da asserção dogmática de que ele é uma condição necessária para qualquer filosofia verdadeira e que sujeitem essa asserção ao teste de uma crítica transcendental do próprio pensamento teórico²³.

§ 2.2 Os aspectos modais de significado da realidade

O homem vive no horizonte temporal experimentando a realidade em uma coerência total entre sua diversidade e unidade cósmicas. Assim como a realidade se dá a conhecer em sua totalidade, ela também é conhecida de várias maneiras, sob vários modos de significado. Um pouco mais adiante falaremos sobre a experiência temporal de totalidade das coisas, mas primeiro entenderemos como se dá essa experiência modal do tempo e quais são estes aspectos modais aos quais Dooyeweerd também se referiu como “esferas modais” ou “esferas de lei”. Estes aspectos modais são, primeiramente, “aspectos do próprio tempo”²⁴. Dooyeweerd distingue uma lista de quinze aspectos modais:

#	Aspecto Modal	Núcleo de sentido
15	Pístico	Fé (religiosa), certeza, rendição
14	Ético	Amor
13	Jurídico	Legalidade, retribuição, justiça
12	Estético	Beleza, harmonia
11	Econômico	Frugalidade, moderação
10	Social	Socialidade, intercurso social
9	Simbólico	Significação simbólica, linguagem
8	Histórico/Formativo	Poder de formação, cultural

²³ DOOYEWEERD, 2010, p. 53.

²⁴ Ibid., p. 54.

7	Lógico-analítico	Distinção, diferenciação
6	Sensitivo	Sentimento, emotividade, afeto
5	Biótico	Vida orgânica, vitalidade
4	Físico	Energia, força, mudança, dinâmica
3	Cinemático	Mobilidade, movimento mecânico
2	Espacial	Extensão contínua
1	Aritmético	Números, quantidade discreta

Tabela 1 – Aspectos Modais ²⁵

Façamos uma breve apresentação de cada um dos aspectos a fim de facilitar o entendimento do leitor. O primeiro aspecto na ordem temporal é a Aritmética, que diz respeito aos números, cálculos de todos os tipos e quantidades. O segundo aspecto modal é o Espacial, que abrange a extensão de todas as coisas, assim como as medidas de espaço. O terceiro aspecto é o Cinemático, que abarca as noções de movimento. O quarto é o aspecto Físico e compreende as noções de interação das coisas, assim como as mudanças e tudo o mais relacionado a matéria e energia. O quinto aspecto modal é o Biótico, e seu núcleo de sentido é a vida. O sexto aspecto é o Sensitivo, que abarca os sentimentos e sensações, incluindo também os sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar). O sétimo aspecto é Lógico-analítico, que abrange a análise e o uso da razão, assim a capacidade dos seres de realizar distinção entre as coisas. O oitavo aspecto é Histórico/Formativo, que remete à historicidade. É importante ressaltar que aqui o termo “histórico” não é intercambiável com “passado”. Para expressar a diferença entre estes termos, Clouser aponta que

[...] nem tudo o que ocorreu é historicamente importante. Julgando a partir do que interessa aos historiadores, parece que a diferença entre o que é historicamente importante e o que não é termina por ser o mesmo que aquilo que é significativo para a formação da cultura humana e aquilo que não o é. Aquilo do qual a história trata, portanto, é da transmissão de poder de formação cultural. Assim nosso adjetivo “histórico” seria equivalente a “cultural”²⁶.

O nono aspecto modal é o Simbólico e este diz respeito a todas as formas de linguagem, todas as formas de expressão simbólica, não se restringindo à fala e

²⁵ TROOST, 2012, p. 77, tabela adaptada.

²⁶ CLOUSER, 2020, p. 296.

escrita. O décimo é o aspecto Social, que inclui os relacionamentos sociais e a comunhão. O décimo primeiro aspecto é o Econômico e abrange toda noção de conservação de valores, de mordomia e administração de recursos e bens. O décimo segundo aspecto modal é o Estético, que compreende a beleza e harmonia presentes na realidade. O décimo terceiro é o aspecto Jurídico, que tange as noções de “juízo, não propriamente no sentido de punição, mas de harmonização balanceada de múltiplos interesses”²⁷. O décimo quarto aspecto modal é o Ético, que diz respeito ao dever moral para com outrem, que por sua vez é fundamentado sob a lei do amor. Nas palavras de Clouser, entendemos que não devemos confundir o aspecto Ético com o Jurídico:

Não é incomum que termo “ético” seja utilizado com um termo geral para referir-se àquilo que é correto e bom, ou errado e mau, em relação aos comportamentos e atitudes humanas. No entanto, o termo é comumente utilizado para cobrir dois sentidos bastante distintos desses termos: o que é certo ou errado de acordo com a justiça, e o que é certo ou errado de acordo com a moralidade[...] O aspecto jurídico tem a ver com as normas que se aplicam a nossas atitudes e ações em relação ao que é justo. Em contrapartida, o aspecto ético da maneira que esse termo é utilizado aqui tem a ver com normas que lidam com o que é amoroso ou benéfico. Embora distintos, os dois sentidos estão obviamente relacionados. Falando de forma geral, podemos ser justos com alguém sem também ser amorosos, mas não podemos ser amorosos com aquela pessoa sem sermos justos²⁸.

Por último, o décimo quinto aspecto modal é o Pístico, que compreende os variados graus de confiança e credibilidade que alguém deposita sobre algo, assim também como o compromisso religioso do coração do homem na fé religiosa. Falaremos mais sobre esse compromisso religioso e sobre esse tipo de fé mais profundamente adiante. Esta ordem dos aspectos modais apresentada por Dooyeweerd parte dos aspectos mais fundamentais e básicos indo em direção aos aspectos mais superiores, tecendo uma espécie de sequência estrutural e progressiva.

Façamos um experimento mental com um exemplo que nos ajude a explorar a maneira como uma estrutura de individualidade pode ser percebida ao longo de toda a diversidade dos aspectos modais na experiência temporal. Imaginemos uma

²⁷ CARVALHO, 2012, p. 91.

²⁸ CLOUSER, 2020, p. 297.

situação onde uma mãe e sua filha caminham por um parque e, então, a criança avista um cachorro passeando livre por um campo aberto. Inicialmente, ao pensarmos nesta cena, podemos facilmente identificar que falamos de duas pessoas e um cachorro, nos trazendo diretamente a percepção do aspecto aritmético ou numérico, como também é chamado. Lembrando mais um pouco da cena proposta, percebemos que mãe e filha estão num parque (aspecto espacial) e que a criança avista um cachorro passeando livre pelo local (aspecto cinematográfico). Imaginemos que, durante o passeio, o cachorro corre em direção às duas e a criança o acaricia com um largo sorriso no rosto. Ao correr, o animal se desloca de um local a outro, utilizando certa energia e produzindo impacto sobre o solo (aspecto físico). Ao parar próximo a criança, o cachorro aparentava estar com sede (aspecto biótico). Ao acariciá-lo, a criança percebe como sua pelagem é macia (aspecto sensitivo). A criança pergunta qual a raça do cachorro (aspecto lógico-analítico) e a mãe apenas responde (aspecto simbólico) que poderia ser uma raça “famosa” (aspecto histórico/formativo). Ao ver o sorriso da criança, a mãe se sente feliz pelo momento gostoso que ambas estavam desfrutando (aspecto social) e reflete sobre as condições financeiras da família para ter um cachorro em casa (aspecto econômico). Então, a mãe pergunta se a criança gostaria de ter um cachorro e ela responde “Quero um cachorro lindo (aspecto estético) como esse! Podemos levá-lo?”. A mãe se pergunta mentalmente se aquele cachorro poderia ser adotado ou se pertencia a alguém, para não ocorrer de levarem indevidamente o animal de estimação pertencente à outra pessoa (aspecto jurídico). A mãe pergunta se a criança vai cuidar bem (aspecto ético) se tiver um animal de estimação e a criança responde “Vou sim, eu prometo!”. Ao acreditar (aspecto pístico) que sua filha vai cumprir com sua palavra e manter o compromisso, a mãe responde “Então, vamos ter um cachorro. Seu pai ficará feliz!”.

A partir do experimento realizado se torna fácil perceber como cada um destes aspectos modais manifestam a maneira como experimentamos a realidade e não partes fragmentadas da própria realidade. Dooyeweerd aponta que “estes aspectos não se referem, como tais, a um concreto *que*, i.e., a coisas ou eventos concretos, mas apenas a um *como*, i.e., o modo particular e fundamental, ou a maneira pela qual os experimentamos”²⁹. Cada um dos aspectos modais possui seu

²⁹ DOOYEWEERD, 2010, p. 54.

próprio núcleo de sentido, como apresentado na Tabela 1, e suas próprias leis ou normas particulares. Como Kalsbeek destaca, “as leis do aspecto físico são distintas das leis para o lógico, que, por sua vez, são diferentes das do aspecto moral, e assim por diante”³⁰. Com núcleo de sentido e leis próprias, os aspectos modais não podem ser reduzidos. Para descartar um aspecto modal, precisamos demonstrar que podemos explicá-lo a partir de outro aspecto, de forma que este se mostre apenas uma variante. Por outro lado, para obtermos um novo aspecto modal, teremos de demonstrar que este é fundamentalmente diferente de qualquer outro, encontrando também leis particulares e núcleo de sentido único. Este princípio tem sido chamado de *irreduzibilidade modal*.

Neste ponto nos será proveitoso uma breve apresentação a partir da elaboração de Guilherme de Carvalho³¹ sobre a forma como o tempo se manifesta a partir da estrutura significativa de cada aspecto modal, onde se revela sua diversidade de sentidos modais e o caráter significativo da realidade. Na esfera aritmética temos uma ordem numérica: 1, 2, 3 – magnitudes se diferenciam numa ordem fixa. Na esfera espacial temos uma ordem de simultaneidade no espaço – dois círculos que se tocam são simultâneos. Na esfera cinemática temos uma ordem de sucessão dos movimentos. Na esfera física temos assim uma ordem de variação. Na esfera biótica temos uma ordem de gerações, ou ordem genética, e temos também a ordem do desenvolvimento biológico de organismos individuais. Na esfera sensitiva temos o sentimento de duração. Na esfera lógica-analítica temos a noção de simultaneidade e ordem lógica. Na esfera histórica/formativa temos o sentido do desenvolvimento cultural, portanto uma ordem de evolução cultural. Na esfera simbólica temos a estrutura ordenada da linguagem. Na esfera social temos uma ordem relacional, assim como uma ordem hierárquica. Na esfera econômica temos uma ordem de valores. Na esfera estética temos a ordem harmônica. Na esfera jurídica temos a ordem do juízo. Na esfera ética temos uma ordem moral. Na esfera pística temos uma ordem de crenças.

Após termos introduzido a base cosmológica do pensamento dooyeweerdiano, passemos agora a considerar as três diferentes atitudes ou modos do pensamento distinguidos por ele e também o caráter antitético do pensamento teórico, iniciando assim a apresentação de sua crítica transcendental.

³⁰ KALSBECK, 2015, p. 37.

³¹ CARVALHO, 2012, p. 60-61.

§ 2.3 A crítica transcendental de Dooyeweerd

Dooyeweerd chama de *atitude pré-teórica* ou *experiência ingênua* a maneira como experimentamos a totalidade das coisas. Desta forma, em nossa atitude pré-teórica percebemos uma criança, uma árvore, um som, etc., experimentando todos os aspectos modais dessas *estruturas de individualidade* interconectados em coerência última. Kalsbeek nos ajuda a compreender a diferença entre aspectos modais e estruturas de individualidade:

Como Dooyeweerd chamou a atenção em muitas ocasiões, nós não devemos identificar as estruturas de individualidade com os aspectos. Uma estrutura de individualidade é uma entidade ou evento concreto, inteiro, que tem qualidades especiais distinguindo-o de todas as outras estruturas de individualidade. Por exemplo, mesmo uma pequena criança espera que uma árvore responda a suas investigações de uma forma, enquanto um gato o faça de uma forma distinta. Como estruturas de individualidade eles são claramente distintos, embora ambos participem de uma forma ou de outra nos mesmos aspectos. Estruturas de individualidade e aspectos não são termos sinônimos.³²

Segundo Dooyeweerd, a atitude pré-teórica é a forma mais simples de experimentarmos a realidade, é como experimentarmos as coisas sem teorizarmos sobre elas, implicando que nossa experiência não tem início no pensamento teórico, mas na relação com a realidade empírica em sua unidade cósmica. Então, se nossa experiência da realidade não começa no pensamento teórico e se a forma mais simples de experimentarmos o horizonte temporal é pré-teórica, o que caracteriza o pensamento teórico? Para Dooyeweerd, o pensamento teórico tem uma diferença estrutural e qualitativa comparado à experiência ingênua. A atitude teórica é intencional e “apresenta uma estrutura antitética na qual o aspecto lógico do nosso pensamento é oposto aos aspectos não lógicos de nossa experiência temporal”³³. Essa atividade de análise ocorre dentro do ato de pensar e é realizada a partir da abstração de um aspecto não-lógico da realidade, opondo-o ao aspecto lógico³⁴ de nosso pensamento a fim de se obter um insight analítico e conceitualizar essa dimensão da experiência. Neste processo de dissociação analítica, os aspectos

³² KALSBECK, 2015, p. 38.

³³ DOOYEWEERD, 2010, p. 54.

³⁴ KALSBECK, 2015, p. 140.

“foram teoricamente abstraídos do elo contínuo de sua coerência na ordem do tempo”³⁵. Ele explica ainda que

[...] isso não significa uma eliminação real de seu elo de coerência que, ao contrário, permanece sendo a condição e a pressuposição necessária de sua dissociação e oposição teórica. Isso apenas prova a impossibilidade de conceber essa coerência de uma forma analítica pelo pensamento teórico.³⁶

Herman Dooyeweerd apresenta sua crítica transcendental de forma a responder três problemas transcendentais, como ele chamou, que dizem respeito à coerência, totalidade e origem da realidade. Vejamos quais são estes problemas.

2.3.1 Primeiro problema transcendental – A coerência da diversidade de aspectos modais

A formulação de Dooyeweerd para este problema aparece da seguinte forma: “qual é o elo contínuo de coerência entre o aspecto lógico e os aspectos não lógicos de nossa experiência, da qual esses aspectos são abstraídos na atitude teórica? E como essa relação mútua entre os aspectos deve ser concebida?”³⁶ Em linhas gerais, esta é uma indagação sobre como o ser humano experiencia a realidade em sua totalidade e coerência de sentido.

Como vimos, o pensamento teórico realiza uma antítese abstraindo aspectos não-lógicos da realidade e colocando-os em oposição ao aspecto lógico do pensamento, produzindo conceitos sobre aspectos não-lógicos da realidade por meio de uma síntese. O problema desse processo analítico é que ele ocorre em uma dístasis de sentido, i.e., numa quebra de sua estrutura modal e de sua coerência a fim de isolar e explicitar logicamente um aspecto único. A atitude teórica se caracteriza pela intenção de analisar e tentar reconstituir um aspecto da realidade, resultando um conceito lógico a partir dessa reconstituição. Essa relação antitética entre o aspecto lógico e aspectos não-lógicos é chamado por Dooyeweerd de relação *Gegenstand*. Dessa forma, o pensamento teórico não apresenta uma

³⁵ DOOYEWEERD, 2010, 60.

³⁶ Ibid., p. 61.

estrutura ôntica³⁷, mas apenas um caráter intencional de forma que a “antítese teórica não corresponde à estrutura da realidade empírica”³⁸. O produto da relação antitética teórica não deve jamais ser considerado como um dado primário de nossa experiência.

A experiência ordinária, como vimos, é caracterizada pela experimentação da realidade da maneira como ela se apresenta, em sua integralidade e totalidade de sentido. Dessa forma, tudo na realidade é percebido como estrutura de individualidade, pois esse modo de pensamento não possui uma estrutura antitética. Na atitude pré-teórica, “o aspecto lógico não surge oposto a outros, mas como um componente implícito da realidade, assim como o aspecto estético, ou sensório, ou histórico”³⁹. Todos os aspectos modais estão presentes na experiência ingênua, mas não de maneira explícita, antes estão todos plenamente acomodados em coerência última de sentido. Ainda que uma estrutura de individualidade por sua natureza não participe de todas as esferas modais, como por exemplo uma pedra – que apresenta os aspectos aritmético, espacial, cinemático e físico, mas não apresenta aspectos como o biótico e os demais superiores – na relação sujeito-objeto as estruturas de individualidade funcionam em todas as esferas modais na ordem do tempo. Dooyeweerd aponta que, ao experimentar de maneira integral os aspectos modais das estruturas de individualidade estamos atribuindo *funções passivas* a estas em uma relação sujeito-objeto. Como por exemplo, uma pedra apresenta aspectos até a esfera física, mas ela pode ter um grande valor de mercado como é o caso do ouro (aspecto econômico), ou ser uma pedra rara (aspecto histórico/formativo) como uma opala preta ou mesmo se tratar de algo como um amuleto (aspecto pístico) e assim por diante. As funções que uma estrutura de individualidade apresenta enquanto esta pode ser achada como sujeito Dooyeweerd chamou de *funções ativas*.

Podemos perceber como as relações sujeito-objeto são fundamentalmente diferentes das relações *Gegenstand*. Como Guilherme de Carvalho aponta:

Assim a relação sujeito-objeto é vivida como uma parte estrutural da realidade, tendo assim o caráter ôntico que falta à relação *Gegenstand*. [...] Uma vez que a relação sujeito-objeto tem caráter verdadeiramente ôntico e não intencional, jamais buscando essências do real ou dividindo abstratamente suas propriedades, podemos dizer

³⁷ CARVALHO, 2012, p. 23.

³⁸ DOOYEWEERD, 1984, p. 40, tradução nossa.

³⁹ CARVALHO, 2012, p. 23.

que a experiência ingênua deixa as estruturas da experiência do real intactas⁴⁰.

A distinção entre as relações *Gegenstand* e sujeito-objeto nos ajuda a compreender um erro fundamental das escolas dogmáticas do pensamento teórico autônomo, como encontramos em Kant. Nestas escolas, o pensamento teórico é considerado de caráter ôntico e o produto da síntese teórica é como *datum* primário da experiência, considerando a própria experiência ordinária como uma *teoria acrítica*, como é o caso do realismo ingênuo, ou teoria da cópia (*copy-theory*). Nesse modelo, a experiência ordinária assume que a percepção sensória (aspecto sensitivo) pode nos oferecer uma imagem adequada de como as coisas são “em si mesmas”, como uma substância metafísica separada da própria experiência humana. Nas palavras de Dooyeweerd:

A experiência ordinária definitivamente não é uma teoria que possa ser refutada por argumentos científicos e epistemológicos. Ela não identifica a realidade com seu aspecto sensório, e está ausente nela a noção metafísica de um mundo objetivo de coisas em si mesmas além do mundo da experiência. A experiência ordinária é, contrariamente a essa concepção, um dado pré-teórico, correspondendo à estrutura integral de nosso horizonte experiencial na ordem temporal. Qualquer teoria filosófica da experiência humana que não dê conta desse dado de uma forma satisfatória deve, necessariamente, estar errada em seus fundamentos⁴¹.

Dessa forma, conclui-se que a experiência no horizonte temporal não compreende nem pretende atingir uma realidade mais profunda do que a experiência ordinária. O pensamento teórico é relativo à experiência ordinária, que é a verdadeira fonte de nossas experiências cognitivas.

2.3.2 Segundo problema transcendental – O ponto arquimediano de apoio para a síntese teórica

Após diferenciarmos a atitude pré-teórica da teórica e verificarmos o caráter ôntico e integral da experiência ingênua, a qual nos serve como datum supremo da

⁴⁰ CARVALHO, 2012, p. 24.

⁴¹ DOOYEWEERD, 2010, p. 67.

experiência, passaremos para outra importante questão acerca da relação-*Gegenstand*. O segundo problema é postulado por Dooyeweerd como segue: “qual é o ponto de referência central em nossa consciência a partir da qual essa síntese teórica pode se iniciar?”⁴²

Dooyeweerd trata essa unidade central do humano onde a síntese teórica ocorre referindo-se a ela como um “ponto arquimediano”. Kalsbeek comenta sobre a alusão que Dooyeweerd fez sobre as alavancas de Arquimedes:

Arquimedes, em 250 a.C., construiu alavancas com as quais poderia realizar coisas extraordinárias. Ele tinha tamanha confiança na força estupenda dessas ferramentas que, conta a história, declarou que moveria a própria terra de seus fundamentos se estivesse suprido de um ponto de apoio fixo.⁴³

O pensamento filosófico também necessita de um ponto fixo de apoio, um ponto como o de Arquimedes que o sirva como ponto de partida para a síntese teórica e sobre o qual esta seja apoiada. O questionamento de H.D. aponta diretamente para o cerne desta discussão: o que é esse ponto de apoio e onde ele pode ser encontrado? Será que este ponto deveria ser encontrado dentro do próprio pensamento teórico (um ponto de apoio imanente) ou deveria estar localizado fora dele (ponto de apoio transcendente)? Para refletirmos sobre isso, imagine a seguinte situação: uma pessoa está dentro de um poço de areia movediça e pede por ajuda para conseguir escapar do poço. Alguém ouve seu chamado e estende a mão para puxá-lo para fora do poço. Então, teríamos algumas possibilidades como: a) a pessoa tenta puxá-lo de fora do poço e b) a pessoa que tenta puxar está também dentro do poço. Qual das duas possibilidades apresenta chances de o resgate ter êxito? É evidente que a pessoa precisa ser puxada de fora do poço para ser retirada dele. O movimento de puxar, ou qualquer outra força de tração, sugere um movimento resultante de um ponto a outro. Sendo puxado de dentro do próprio poço, ambos permanecerão ainda dentro dele, afundando. Imaginemos ainda que, ao andar com um patinete, uma criança precisa apoiar seu pé no chão para empurrar o patinete para movê-lo. Não é possível empurrar o patinete apoiando o pé em sua própria base para empurrá-lo. É necessário que o ponto de apoio seja

⁴² Ibid., p. 68.

⁴³ KALSBECK, 2015, p. 50.

transcendente. Não é possível que um ponto arquimediano seja imanente, precisa estar situado além daquilo que será movido para que lhe sirva de apoio.

Dooyeweerd nos mostra que é necessário que este ponto de apoio para a síntese teórica não seja nenhum dos polos da relação *Gegenstand*, nem o aspecto lógico, nem um aspecto não-lógico. É preciso que esse ponto de apoio seja radical e esteja além do pensamento teórico, além do horizonte temporal de nossa experiência. René Descartes propôs que este ponto deveria estar além da dúvida. Ao concluir que duvidando estamos pensando, e não podemos duvidar que estamos pensando, Descartes propôs esse que o pensamento fosse o ponto de apoio do próprio pensamento. Para Kant, o ponto de partida da síntese teórica de sua crítica transcendental seria o “eu pensante”, direcionando a reflexão em direção ao que, para ele, é a “unidade última de nossa consciência”⁴⁴, pois para ele não podemos conhecer objetivamente nada que está fora de nós mesmos. Vamos considerar mais adiante as implicações dessa posição. Para Dooyeweerd, é necessário que o pensamento teórico seja dirigido para o *ego*, o *eu* humano, e ele chama esse movimento de autorreflexão crítica de *direção concêntrica do eu*. Esse movimento tem por finalidade conectar a unidade absoluta de sentido da realidade.

A localização do ponto de partida da síntese teórica em um dos termos da antítese resulta na absolutização de um dos aspectos modais, e conseqüentemente num reducionismo, i.e., uma visão empobrecida da realidade. Para Dooyeweerd, o ponto arquimediano “deve necessariamente transcender a antítese teórica e relacionar os aspectos que foram dissociados e opostos um ao outro em uma unidade central de nossa consciência”⁴⁵. A relação antitética não oferece em si mesma nenhuma conexão entre o aspecto lógico e os modos experienciais não-lógicos opostos a ele, muito menos encontramos na ordem temporal qualquer ponto que transcenda a diversidade dos aspectos modais. Dooyeweerd diz que

o pensamento teórico, virtude de seu caráter antitético e sintético, está limitado à irreduzível diversidade dos modos fundamentais da experiência e suas inter-relações. Em toda esfera do pensamento teórico não há lugar para a absolutidade de um aspecto. A absolutização como tal não pode, assim, originar-se do próprio pensamento teórico. Isso testifica de forma ainda mais clara a

⁴⁴ DOOYEWEERD, 2010, p. 71.

⁴⁵ DOOYEWEERD, 2010, p. 68.

influência de motivos supra-teóricos mascarados pela pretensa autonomia do pensamento filosófico.⁴⁶

2.3.3 *Terceiro problema transcendental – A autorreflexão crítica e o caráter concêntrico do eu*

Caminharemos agora para o terceiro problema concernente ao pensamento teórico. Refletimos sobre como se mantém firmes a coerência e integralidade dos aspectos modais do tempo, sobretudo entre seu aspecto lógico e aspectos não-lógicos, e também sobre qual ponto de referência central a síntese teórica encontra seu ponto de partida e apoio. Nos resta ainda uma pergunta importante a respeito da atitude teórica, a qual Dooyeweerd apresenta nos seguintes termos: “como é possível a direção concêntrica do pensamento em direção ao ego e qual é a sua fonte?”⁴⁷

Este problema é de natureza verdadeiramente transcendental, aponta Dooyeweerd. O pensamento teórico enquanto tal tem caráter dissociativo e é limitado à sua dinâmica antitética. Desta forma, apenas oferece a possibilidade de conduzir a direções divergentes. “Por conseguinte, a direção concêntrica do pensamento sobre o ego humano não pode originar-se da própria razão humana”⁴⁷. Segundo Dooyeweerd, Kant não lidou com esse problema ao assumir o dogma da autonomia do pensamento teórico e fazer do aspecto lógico do pensamento seu ponto de referência central, o qual chamou de “unidade lógico-transcendental de apercepção”⁴⁸, ou *ego*. Kant trata esse centro de referência como uma unidade lógica simples, sem nenhum tipo de multiplicidade ou diversidade enquanto tal. O “eu penso” de Kant não pertence a realidade empírica, sendo claramente distinguido da pessoa que pode ser percebida no espaço e no tempo. Antes, trata-se de uma condição para o pensamento como tal, não possuindo qualquer tipo de individualidade, todavia funcionando como polo lógico que é oposto a todo aspecto não-lógico da realidade, a todo objeto do conhecimento.

Como poderia o ponto de partida e de referência do pensamento teórico se dar como um dos termos dessa relação antitética? Para Dooyeweerd, não pode:

⁴⁶ Ibid., p.70.

⁴⁷ DOOYEWEERD, 2010, p. 72.

⁴⁸ Ibid., p. 73 apud KANT, *Crítica da Razão Pura*, A107/B132.

O "cogito" no qual Kant tem seu ponto de partida não pode ser meramente uma unidade lógica. Pois ele implica a relação fundamental entre o ego e seus atos de pensamento, os quais de forma alguma são idênticos. Uma unidade lógica, por outro lado, jamais poderá ser uma unidade absoluta sem multiplicidade. Isso contradiria a natureza modal do aspecto lógico. Assim, a visão de Kant do ego transcendental se baseia em pura mitologia. Ela implica uma identificação contraditória do eu central com suas funções lógicas subjetivas.⁴⁹

Para investigarmos a possibilidade da direção concêntrica do pensamento sobre o ego e sua origem, faz-se necessário investigarmos também a natureza interna do *eu* humano. Dooyeweerd aponta que não é possível que o eu humano seja determinado por nenhum dos aspectos modais de nossa experiência temporal, pois ele é o ponto central onde todos os modos de nossa experiência são relacionados. Para ele, "não existe um eu lógico, nem um eu psicológico, nem um eu histórico, nem um eu moral. Todas as determinações filosóficas do eu desconsideram esse caráter central"⁵⁰.

A fim de lidar com os problemas transcendentais apresentados por Dooyeweerd, intrínsecos a natureza do pensamento teórico e ignorados pela corrente dogmática da autonomia da razão, vamos entender porquê o pensamento teórico deve ser direcionado ao ponto de referência supra-teórico do homem, o *eu* humano. Para Dooyeweerd, o pensamento teórico enquanto tal não pode oferecer essa direção concêntrica, mas o ego central o faz desde um ponto de partida supra-teórico.

§ 2.4 O caráter concêntrico do eu

Vimos que o *eu* humano é o centro de referência da totalidade de nossa experiência temporal assim como uma unidade supra-teórica. O "mistério do ego humano central é o fato de que ele não é nada em si mesmo, i.e., olhado à parte das relações centrais nas quais se apresenta"⁵¹. Conforme vimos, a relação do ego com

⁴⁹ Ibid., p.74.

⁵⁰ DOOYEWEERD, 2010, p. 75.

⁵¹ Ibid., p. 78.

a experiência temporal não pode determinar o caráter interno do *eu*, mas demonstra que ele não pode ser encontrado dentro na realidade temporal.

Consideremos também a relação entre a experiência e as relações interpessoais. Para Dooyeweerd, estas não devem ser contrastadas, pois a própria experiência compreende a relação entre um ego e outro. “Essa relação pertence à esfera central de nosso horizonte experiencial e eliminá-la corresponde a aniquilação da autoconsciência”⁵². Ao considerar a noção apresentada pelo filósofo suíço Ludwig Binswanger de que as relações sociais são como encontros interpessoais de amor, H.D. aponta que, embora as relações de *amor*⁵³ demonstrem uma grande diversidade de sentidos modais e estruturas sociais, quando consideradas a partir da experiência temporal essas relações nada tem a oferecer enquanto conteúdo positivo para a natureza do *ego* humano. Assim, Dooyeweerd demonstra que tanto nossa experiência como a relação interpessoal *eu-tu* não podem determinar a natureza do *eu* humano. Ambas as relações são vazias em si mesmas assim, assim como o ego é vazio em si mesmo.

Há, porém, uma terceira relação que aponta para além do *ego* e conseqüentemente não está limitada à experiência temporal. Para Dooyeweerd, o *eu* humano precisa se conectar com a origem absoluta de sentido e da diversidade modal do cosmo, a *Arché*, e isso é uma atitude naturalmente religiosa. Para entender melhor essa concepção, podemos verificar uma definição de “religião” a partir do pensamento de Clouser. Ele define “religião” como uma “crença em algo como divino *per se* não importando como é posteriormente descrito, onde *divino per se* significa ter realidade incondicionalmente não dependente”⁵⁴. Nessa atitude supra-teórica, o pensamento não tem como objetivo analisar a realidade, antes ele encontra onde identificar a origem última de significado em sua totalidade, que se apresenta de maneira diversa nos aspectos modais da realidade. Por isso, o pensamento necessita ser direcionado ao absoluto, ao divino, e este impulso religioso é inato do *ego*. Guilherme de Carvalho diz que “essa direção concêntrica não é a direção do pensamento, meramente, mas do ego transcendental, o centro da existência, e seu foco é a origem absoluta do sentido; e esse sentido é também o

⁵² Ibid., p. 79.

⁵³ Aqui “amor” deve ser entendido como o núcleo de sentido modal do aspecto ético, assim como apresentado na Tabela 1.

⁵⁴ CLOUSER, 2020, p. 34.

sentido do próprio eu”⁵⁵. Tanto o conhecimento da origem absoluta do sentido como o conhecimento radical do *eu* encontram-se além dos limites do pensamento teórico e da experiência temporal. Para Dooyeweerd, “essa é a relação religiosa central entre o ego humano e Deus, à imagem do qual o homem foi criado”⁵⁶.

Logo, apenas o *eu* pensante é capaz da autorreflexão crítica, uma vez que a relação com a origem absoluta de todo sentido se dá entre o *ego* e sua origem divina. Dooyeweerd diz que se nosso pensamento filosófico

não está direcionado para essa relação religiosa central que aponta acima do ego pensante, em direção à sua origem absoluta, toda autorreflexão crítica estará condenada a resultar na conclusão de que o ego não é nada. Essa conclusão, entretanto, é sem sentido, uma vez que implicaria a negação do próprio pensamento teórico; pois o último não é nada sem o ego. Assim, uma reflexão filosófica que não se direciona para a relação religiosa central será obrigada a buscar o ego no horizonte temporal de nossa experiência a fim de evitar um resultado niilista. Consequentemente, tal reflexão abandonará a atitude crítica e fará do ego central um ídolo, absolutizando um dos aspectos modais de nossa consciência temporal. E aqui está a origem de ídolos tais como o ego psicológico, o lógico-transcendental, o histórico e o moral.⁵⁶

Ao passo que *ego* aponta para além de si próprio para a origem e totalidade de todo sentido, essa totalidade “reflete-se no ego humano como o assento central da imagem de Deus”⁵⁷. Assim, o ego humano que é vazio em si mesmo é determinado em um sentido positivo por sua relação concêntrica com o divino.

§ 2.5 *Wetsidee – A Ideia Cosmonômica*

Como vimos, ao examinar os problemas transcendentais existentes na atitude teórica, estes revelaram as condições de possibilidade para o pensamento. Estas condições são: a) a coerência de sentido da diversidade dos aspectos modais, b) o ponto arquimediano da síntese teórica no ego supra-temporal, que participa da totalidade de sentido e se concentra nela e c) a Arché de todo significado, a qual todo significado se refere. Estas três ideias estão intimamente conectadas, pois a visão de coerência de sentido depende de onde o ponto arquimediano está situado,

⁵⁵ CARVALHO, 2012, p. 30.

⁵⁶ DOOYEWEERD, 2010, p. 81.

⁵⁷ Ibid., p. 83.

e a localização desse ponto depende da concepção de Arché. As três ideias transcendentais juntas formam uma ideia-base, a qual Dooyeweerd chamou de *Wetsidee* (ideia-de-lei), ou *Ideia Cosmonômica*, como ficou popularizada na língua inglesa.

Para entendermos como Dooyeweerd desenvolveu a Ideia Cosmonômica, veremos brevemente seu conceito de motivos-básicos religiosos, que funcionam como uma espécie de forças controladoras do curso do pensamento teórico. Segundo Guilherme de Carvalho, “as ideias transcendentais são determinadas pela orientação religiosa do ego. Assim, os motivos-base religiosos fornecem ao ego o conteúdo religioso supra-teórico das ideias transcendentais”⁵⁸. Para Dooyeweerd, o ponto de partida real do pensamento filosófico não é o *ego*, pois este é uma noção vazia como vimos, mas motivos-base. Esses motivos-básicos religiosos controlam o pensamento teórico

[...] por meio de um conjunto elementar de ideias teóricas, mas de um tipo singular: um conjunto de ideias que refletem a consciência supra-racional do Arché em cada motivo-base religioso. Nessas ideias temos a resposta subjetiva teórica do homem à influência espiritual fundamental que transcende ao próprio pensamento teórico, de tal modo que essas ideias tem um caráter transcendental. Elas teriam “a função necessária de fixar o pensamento teórico sobre os seus pressupostos.”⁵⁹

Dooyeweerd sustenta que existem dois tipos de motivos-base: o motivo básico religioso, baseado no esquema criação-queda-redenção, e motivos base não-bíblicos, ou apóstatas. H.D. apresenta quatro motivos básicos que, segundo ele, compreendem a biocosmovisão do Ocidente: o motivo-básico grego matéria-forma, o motivo-básico radical bíblico, o motivo-básico escolástico natureza-graça e o motivo-básico humanista natureza-liberdade. Para os fins deste trabalho, não aprofundaremos nos motivos-básicos a fim de detalhá-los, mas apenas mencionaremos o motivo-básico radical bíblico para caminhar em nossa conclusão.

A partir do motivo-básico bíblico, Dooyeweerd aponta como a Arché a vontade soberana de Deus, que é expressa em Sua criação nas leis internas de cada aspecto modal da realidade. Enquanto Deus é a origem divina, diferentemente

⁵⁸ CARVALHO, 2012, p. 48-49

⁵⁹ Ibid., p. 47., apud DOOYEWEERD, “Transcendental Problems”, p. 75.

de tudo que está compreendido dentro do horizonte temporal, Seu significado não é obtido apontando para além dos limites do pensamento teórico, antes Ele é auto suficiente e é O único que “É” propriamente dito. Enquanto Arché, Deus não é significado, mas doador de todo significado, pois a totalidade de sentido é encontrada n’Ele. A partir disso, considerando o motivo-básico religioso, vejamos como Dooyeweerd apresenta a cosmonomia.

Para que a vontade de Deus seja expressa por meio das leis que estruturam os modos como experimentamos a realidade, faz-se necessário que Deus seja o legislador sobre toda Sua criação. Isso implica que todas as coisas, enquanto sujeito, estejam de fato sujeitas a Sua vontade expressa por meio das leis particulares de cada esfera-de-lei. Toda a ordem cósmica atende aos desígnios encontrados em Sua vontade soberana. Isso está expresso em Genesis 1 e 2, onde toda obra de criação é realizada por Deus enquanto este dá mandamento as coisas para diferenciá-los. Logo, enquanto Deus é legislador e criador de tudo que há, este não está condicionado às leis nem contido na própria criação, antes ele sustenta as leis que governam a criação. Dooyeweerd indicou esta lei (esferas de leis) como o limite entre Deus e cosmo, ficando também conhecida como “diferença qualitativa infinita criador-criatura”. Toda a coisas ou “criaturas” estão debaixo da cosmonomia, com Guilherme de Carvalho comenta:

Ser “sujeito” é a natureza intrínseca de tudo o que é criado. Assim, uma pedra, por exemplo, está sujeita à lei da gravidade, e um vegetal é sujeito às leis bióticas. O homem é sujeito a todas as leis: psíquicas, lógicas, históricas, etc. De um modo geral, dizemos que toda criatura é sujeita a Deus de um modo diferente. Além disso, uma outra distinção faz-se necessária; um vegetal, por exemplo, não possui uma função subjetiva psíquica. Ele não funciona como sujeito na esfera psíquica. Mas ele existe como objeto da nossa percepção sensorial. Desse modo, toda criatura existe no lado subjetivo da cosmonomia, ou como sujeito modal, ou como objeto modal de um sujeito.⁶⁰

Enquanto na experiência ingênua, nossa consciência experimenta a realidade em sua coerência e totalidade, na atitude teórica o pensamento se concentra na cosmonomia, nos aspectos modais que experimentamos na atitude pré-teórica. Assim, é evidente que nenhuma ciência é responsável ou mesmo capaz

⁶⁰ CARVALHO, 2012, p. 55.

de criar uma esfera-de-lei, antes o papel de todas as ciências é investigar as leis internas do aspecto modal à que elas tomam como campo, para que enquanto labor científico seu objetivo seja positivar essas leis.

Cada motivo-básico religioso infalivelmente conduzirá o pensamento filosófico para conclusões e teorias fundamentalmente diferentes, como é facilmente encontrado nas várias escolas filosóficas existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia se propôs a apresentar de maneira propedêutica a Filosofia Reformacional de Herman Dooyeweerd como um robusto edifício teórico-filosófico, que foi erigido sobre uma cosmovisão radicalmente bíblica, reformada e distintamente cristã, que pode ser vista como uma espécie de *órganon* (ferramenta) para a construção de novas contribuições em diversas áreas da Filosofia, seja na filosofia da linguagem, da matemática, da tecnologia, política, etc. O fundamento teórico construído por Dooyeweerd aparece como um terreno fértil e realmente amplo para o desenvolvimento do debate filosófico.

Apresentamos uma problematização acerca da pretensa autonomia da razão. Muitas escolas filosóficas, sobretudo as correntes imanentistas, assumiram de forma axiomática a neutralidade da razão humana. Questionamos o *status quo* desta posição dogmática enquanto esta tem sido tratada como uma condição intrínseca da verdadeira filosofia.

Passamos pela base cosmológica e ontológica de pensamento dooyeweerdiano e pudemos observar uma teoria bastante rica e complexa da realidade, que dá conta de compreender e explicar tanto a diversidade como a unidade cósmica. Demonstramos as diferentes maneiras sob as quais a experiência humana se dá e como essa experiência apresenta sentido apenas dentro da ordem temporal.

Pudemos investigar as diferentes atitudes ou modos do pensamento: a atitude pré-teórica, teórica e supra-teórica. Ao refletirmos sobre as particularidades de cada um destes modos, vimos como Dooyeweerd apresenta a diferença qualitativa e estrutural entre a experiência ingênua e o pensamento teórico. Detalhamos o caráter antitético do pensamento teórico e as implicações dessa dinâmica interna. A partir dessa diferença, apresentamos as relações sujeito-*Gegenstand* e sujeito-objeto para, então, exploramos os três problemas transcendentais do pensamento teórico apresentados por Dooyeweerd: 1) “qual é o elo contínuo de coerência entre o aspecto lógico e os aspectos não lógicos de nossa experiência, da qual esses aspectos são abstraídos na atitude teórica?”, 2) “qual é o ponto de referência central em nossa consciência a partir da qual essa síntese teórica pode se iniciar?” e 3) “como é possível a direção concêntrica do pensamento em direção ao ego e qual é a sua fonte?”. Neste ponto, enfatizamos a necessidade

de o ponto arquimediano para a síntese teórica ser identificado fora do horizonte temporal, caso contrário, necessariamente o resultado será uma teoria reducionista da realidade, que empobrece nossa visão da mesma tomando a parte pelo todo.

Apresentamos, por conseguinte, a relação supra-temporal do ego com a origem absoluta de sentido, a *Arché*, e concluímos que esse movimento concêntrico em direção ao absoluto é um impulso religioso inato do *ego*.

Para compreender a Ideia Cosmonômica dooyeweerdiana, apresentamos brevemente os motivos-básicos religiosos e como esses motivos controlam o curso do pensamento filosófico. Então, a partir do motivo-básico radical bíblico, apresentamos a maneira como a vontade de Deus é expressa por meio das leis cosmonômicas, que funcionam internamente e particularmente em cada um dos aspectos modais. Consideramos também o caráter significante da realidade, onde *ser é significar*. Enquanto *significar* é sempre “significar para alguém”, demonstramos como toda a realidade encontra seu significado apontando para a origem última e absoluta de significado, que é o próprio Deus.

Finalmente, na esperança de que este trabalho encontre espaço para sugerir que a filosofia cristã não deveria receber menos aceitação pelo fato de assumir pressupostos supra-teóricos, i.e., um ponto de partida que compreende a crença/fé, apontamos para o fato de que todo pensamento teórico e científico não é realmente neutro como se tem acreditado, pois isso é um engano. Na verdade, toda teoria depende de pressupostos supra-teóricos que estão além da experiência temporal e são de natureza religiosa. Portanto, faremos bem se examinarmos o quanto teorias reducionistas fundamentadas sobre a pretensa autonomia da razão possuem um encaixe empírico melhor do que o que se foi apresentado neste trabalho. O debate ganhará com isso, nós ganharemos com isso.

Nosso desejo é que o pensamento reformacional contribua no debate acadêmico a fim de promover a reconciliação entre fé e ciência, sendo esta a motivação para esta monografia. *Soli Deo Glória*.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, G. V. R. **Introdução à Filosofia Cristã: uma Introdução à Filosofia na Tradição Reformacional**. Apostila Não Publicada, 2012.

CARVALHO, G. V. R. **A Filosofia de Dooyeweerd**. Ciclo de palestras apresentadas no Escola Charles Spurgeon, Fortaleza/CE, 2016.

CLOUSER, Roy A. **O Mito da Neutralidade Religiosa**. Brasília: Editora Monergismo, 2020.

DOOYEWEERD, Herman. **No Crepúsculo do Pensamento: Estudos sobre a Pretensa Autonomia do Pensamento Filosófico**. São Paulo: Hagnos, 2010.

DOOYEWEERD, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought. Volumes I, II, III e IV: The Structures of Individuality of Temporal Reality**. Ontario: Paideia Press, 1984.

DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015.

KALSBECK, L. **Contornos da Filosofia Cristã: A melhor e mais sucinta introdução à Filosofia Reformada de Herman Dooyeweerd**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015.

MARCEL, Pierre. **The Christian Philosophy of Herman Dooyeweerd: Volume I. The Transcendental Critique of Theoretical Thought**. Aalten: WordBridge Publishing, 2013.

OLIVEIRA, Fabiano. **Philosophando Coram Deo: Uma Apresentação Panorâmica da Vida, Pensamento e Antecedentes Intelectuais De Herman Dooyeweerd**. Em Fides Reformata XI, v. 2, 2006. p. 73–100.

TROOST, Andree. **What is Reformational Philosophy? An Introduction to the Cosmomic Philosophy of Herman Dooyeweerd**. Em Paideia Press, 2012.

VERBURG, Marcel E. **Herman Dooyeweerd: The Life and Work of a Christian Philosopher**. Jordan Station, Canada: Paideia, 2015.

WOLTERS, Albert. **The Intellectual Milieu of Herman Dooyeweerd**. McIntired, C.T. (org), The Legacy of Herman Dooyeweerd, 1985.